

Priscila Rampin *

Desde donde no se vio la bomba, 2019.

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i36.41046>

* Priscila Rampin é artista visual e vive em Uberlândia, estado de Minas Gerais. É mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF e doutoranda em Artes Visuais pela UNB.

E-mail: priscilarampin@me.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8464-7586>

Desde donde no se vio la bomba, 2019.
(fotoperformance, apropriação e montagem)

Nos anos de 1970, os governos de Cuba e da União Soviética uniram esforços para construir a Planta Nuclear de Juraguá, localizada nas imediações da cidade de Cienfuegos, Cuba. Um projeto ambicioso e utópico devido à necessidade orçamentária para sustentá-lo.

Para além dos riscos inerentes à geração de energia atômica, a proximidade geográfica com o Estado da Flórida alarmara os Estados Unidos sobre o prenúncio de desenvolvimento de arma nuclear. Anos antes do estabelecimento do projeto, Cuba havia instalado mísseis balísticos de origem russa.

O ideal atômico cubano nunca se completou, conseqüentemente, nenhuma das aventadas ameaças. O que resta nessa paisagem industrial e na vida em meio aos edifícios inacabados da cidade nuclear (originalmente destinada a receber trabalhadores de Juraguá) ativam continuamente certo aturdimento e a memória, por vezes não fiel, daquele tempo.

NOTA: *Desde donde no se vio la bomba* (2019) foi originalmente desenvolvido durante a Expedición Interconexiones o Arte en Diálogo con la 13a Bienal de La Habana em Cuba, com curadoria de Andrés I. M. Hernández. Posteriormente, foi selecionado para a Bienal Internacional de Asunción - BIA (2020), com curadoria de Bettina Brizuela (Paraguai), Dannys Montes de Oca (Cuba) e Omar Estrada (Canadá-Cuba).

Recebido: 17/3/2020; Aprovado: 8/5/2020; Publicado: 1/7/2020

Citação recomendada:

RAMPIN, Priscila. Desde donde no se vio la bomba, 2019. *Revista Poiésis*, Niterói, v. 21, n. 36, p. 163-172, jul./dez. 2020. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i36.41046>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2020 Priscila Rampin













Planta nuclear de Juraguá, Cienfuegos, Cuba.



Detalhe da montagem dos trabalhos *Desde donde no se vio la bomba* (2019) e *Arquivos nucleares; baseados em fatos instáveis* (2018) na Bienal Internacional de Asunción - BIA, Estación Central del Ferrocarril - março de 2020.

Em *Desde donde no se vio la bomba* aborda o movimento do tempo e os desdobramentos dele decorrentes, além das prioridades de Priscila Rampin em estabelecer dualidades discursivas que transitem pela história, pelas realidades culturais e sociais, e que desvelem os fluxos aditivos e ativos de – em e desde – determinados mecanismos de construção autoritária. Tais mecanismos são agora convertidos em manifestos visuais estruturados pelas narrativas construídas e projetadas: a memória, os fluxos e as reticências do passado no presente e para o futuro. Um tempo “aqui e agora” que estabelece discussões sobre a política da arte ou sobre a arte política, por exemplo.

Dr. Andres I. M. Hernandez
Curador, crítico, professor e produtor
<http://lattes.cnpq.br/6098902819073749>